AEDOS Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS

# Sujeitos, projetos e lutas políticas: um olhar sobre a imprensa negra em Bagé/RS no Pós-abolição (1913-1952)

Tiago Rosa da Silva[1]

**Resumo:** O presente artigo busca apontar alguns aspectos da imprensa negra na cidade interiorana de Bagé, município localizado na fronteira sul do Brasil. O cenário do surgimento desses jornais foi o Pós-abolição, período no qual o grupo negro buscou, também através da imprensa, mostrar suas aspirações e projetos políticos a fim de se afirmar numa sociedade racializada. A análise será feita a partir dos periódicos *O Rio Branco* (1913), *A Liberdade* (1920), *A Defeza* (1920), *O Palmeira* (1922; 1927, 1949, 1952), *O Rouxinol* (1924), *A Revolta* (1925), *O Teimoso* (1928), *O Boato* (1929), *Lampeão* (1934), *Socega Leão* (1937; 1939) e *O 28 de Setembro* (1937, 1938, 1939). Nesse sentido, busca-se observar algumas características destes jornais, atentando para notícias que eram publicadas em suas páginas, bem como alguns de seus principais interlocutores, buscado, também, inserir a imprensa negra de Bagé no contexto estadual e nacional.

**Palavras-chave:** Imprensa negra; Bagé; Pós-abolição.

**Abstract:** This article aims to point out some aspects of the black press in the inner city of Bagé, located on the Southern border of Brazil. The scenery of the emergence of these newspapers was the Pós-abolição, a period in which the black group sought, also through the press, to show their aspirations and political projects in order to assert itself in a racialized society. The analysis will bedone through the newspapers *O Rio Branco* (1913), *A Liberdade* (1920), *A Defeza* (1920), *O Palmeira* (1922; 1927, 1949, 1952), *O Rouxinol* (1924), *A Revolta* (1925), *O Teimoso* (1928), *O Boato* (1929), *Lampeão* (1934), *Socega Leão* (1937; 1939) and. *O 28 de Setembro* (1937, 1938, 1939). Thus, the article aims to observe some characteristics of these newpapers, considering the news that were published in its pages, as well as some of its main interlocutors, also seeking to insert the black press of Bagé in the state and national context.

**Keywords:** Black press; Bagé; Pós-abolição.

Localizada na fronteira sul do Brasil e fazendo divisa com a cidade uruguaia de Vichadero, o município de Bagé é popularmente conhecido pela alcunha de "Rainha da Fronteira". Não à toa, essa denominação tem o intuito de evidenciar a importância da localidade e projetar Bagé para o resto do Rio Grande do Sul, quiçá para o Brasil. Assim como outras cidades interioranas do estado gaúcho, Bagé apresenta-se como um

[1] Formado em Licenciatura em História pela Unipampa - Campus Jaguarão/RS. Estudante do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista CAPES.

município de vida pacata, cujas praças e ruas bicentenárias cercam-se de prédios históricos e que denotam a riqueza de tempos passados.

No que diz respeito à produção da história local, alguns escritores e historiadores da cidade apontam para uma Bagé sem conflitos sociais; uma cidade que desde o século XIX assistiu ao progresso impulsionado pelas colônias de imigrantes espanhóis, italianos e portugueses. A atuação dessas três colônias na cidade é apontada por Lemieszek e Garcia (2013, p. 15):

> Juntas, as três colônias de imigrantes deixaram um belo legado de obras e lição de vida a seus descendentes bajeenses. Fundaram hospitais, sociedades beneficentes, casas comerciais e industrias. Além disso, tiveram presença marcante na música, nas artes e na literatura bajeense, não podendo deixar de citar, desse modo, a qualidade dos artesãos e profissionais de diversos ofícios de relevante utilidade para a novel cidade.

A naturalização de uma história em que pese a figura do europeu, sinônimo de progresso local, é reforçada nas obras de Fagundes (1995) e Taborda (2015)[2], que, junto com Lemieszek e Garcia, são nomes tidos como os principais historiadores da cidade. Em sua vasta produção, o historiador Tarcísio Antônio da Costa Taborda se empenhou em pesquisar as origens de Bagé e suas principais lideranças políticas, ganhando destaque nomes como o do Marechal Dom Diogo de Souza e Gaspar Silveira Martins. Os escritos de Elisabeth Fagundes se assemelham aos de Taborda, no qual a sua preocupação foi estabelecer o vínculo da história de Bagé junto à do Rio Grande do Sul através de lideranças políticas locais e as efemérides da "Rainha da Fronteira".

Analisando tais escritos sobre a história da cidade, logo percebe-se que a contribuição de negros (as), indígenas e trabalhadores(as) *comuns* foram deixados à margem de suas narrativas. Bem sabemos que isso não é uma peculiaridade de Bagé. Como bem pontua Oliven (1996), na construção da história do Rio Grande do Sul houve por muito tempo o silenciamento da história de determinados grupos, nos quais os negros e indígenas predominam. Mesmo que em solo gaúcho convivam diversos grupos étnicos, a história do Rio Grande do Sul construiu uma narrativa excludente, forjando a ideia de um estado completamente branco de descendência europeia, pois "trata-se de uma construção de identidade que exclui mais que inclui, deixando fora a metade dos

[2] Lançada em 2015, a referida obra reúne artigos escritos por Taborda em jornais da imprensa local entre os anos de 1939 a 1994. Ver: TABORDA, Tarcísio Antônio da Costa. **Bagé de ontem e de hoje:** coletânea de artigos publicados na imprensa (1939 – 1994). Bagé: Ediurcamp, 2015.

territórios sul-rio-grandense e grande parte de seus grupos sociais" (OLIVEN, 1996, p. 25).

Essa invisibilidade do negro na construção da história do Rio Grande do Sul também é apontada por Gutfreind (1990), no qual a autora afirma que há um vazio historiográfico no que diz respeito aos estudos sobre o negro gaúcho. Evidentemente que o quadro atual é bem diferente, pois cada vez mais historiadores e demais cientistas sociais estão empenhados em mostrar as contribuições e lutas de diversos grupos sociais na construção da história do Rio Grande do Sul, sobretudo da história de negros e negras tanto no mundo da escravidão como também no Pós-abolição.

Outro fator que chama atenção quando nos propusemos a observar a produção da história de Bagé, é a ausência de estudos sobre a escravidão. Revisando os principais autores citados anteriormente, observamos que nenhum deles faz menção ao passado escravista do município. Porém, Taborda (1984; 2015) e Fagundes (1995) fazem questão de mencionar a abolição antecipada da escravidão na cidade, que segundo afirmam, teria ocorrido no ano de 1884. Suas preocupações estão em exaltar os nomes dos membros da Sociedade Abolicionista 28 de Setembro, entidade que segundo os autores foi a responsável pelo movimento que deu origem ao "ato grandioso e nobre da libertação [de escravizados] de Bagé" (TABORDA, 1984, p. 7).

Com relação as pesquisas sobre escravidão em Bagé, a tese de Matheus (2016), bem como o artigo escrito por Oliveira (2010), buscam preencher essa lacuna, mostrando que Bagé teve uma significativa presença de trabalhadores negros escravizados, configurando-se enquanto uma importante localidade escravista da Província de São Pedro. Alguns números trazidos por esses autores deixam evidente esse quadro exposto acima. No ano de 1846, Bagé tinha uma população de 4.104 pessoas. Destas, os livres somavam 2.884, ao passo que os escravizados somavam 1.212. Assim, observa-se que o percentual de escravizados era de 29,5% (MATHEUS, 2016, p. 76). Já no censo de 1859, a população de Bagé salta para o número de 12.343 pessoas, ao passo que os trabalhadores escravizados somam 4.016, perfazendo um total de 32,53% da população da cidade. O mais interessante nesses números é que a porcentagem de escravizados em Bagé só é menor do que a das cidades de Jaguarão e Pelotas, ficando à frente de importantes localidades escravistas, como a cidade portuária de Rio Grande e a capital da Província

Porto Alegre.[3] Esses dados demográficos são importantes para percebermos a grande presença negra na cidade de Bagé, reforçando a necessidade de se observar as múltiplas experiências de sujeitos negros tanto no mundo da escravidão como também em processos de liberdade.

Em artigo sobre a resistência escrava em Bagé no século XIX, Oliveira (2010) aponta para várias formas de lutas de negros e negras, seja através da formação de quilombos, nas fugas, em tentativas de insurreições entre outras. Diversos sujeitos negros são mencionados nas fontes pesquisadas pelo autor, mostrando anseios, projetos políticos e aspirações de homens e mulheres negras na luta pela sobrevivência na cidade de Bagé. Mesmo que abundem fontes em que pesquisadores possam recorrer para o estudo da escravidão em cidades gaúchas, como é o caso de Bagé, a historiografia local optou por construir uma narrativa singular de história, preocupando-se com sujeitos da elite, sejam eles fazendeiros, charqueadores, empresários, estadistas e etc. A escravidão em Bagé foi silenciada nas obras de escritores e historiadores locais, bem como a ação e a contribuição de negros, negras, populares e demais sujeitos no decorrer do século XIX.

Essa invisibilidade também foi reforçada no período subsequente a abolição da escravidão, pois não encontramos obras que tratem especificamente de ações e/ou protagonismos negros na cidade no período republicano. Nesse sentido, buscaremos o caminho inverso, ou seja, objetiva-se apontar para a ação de sujeitos negros na cidade de Bagé no Pós-abolição. Através da atuação da imprensa negra, tentaremos mostrar projetos, ações e articulações entre sujeitos e jornais, na tentativa de mostrar outra perspectiva de história local.

## Pós-abolição e imprensa negra

Os jornais que serão analisados nesse artigo encaixam-se no período Pós-abolição. Atualmente, diversos estudos vêm dando conta de perceber o protagonismo negro no período posterior a abolição da escravidão no Brasil, seja através de trajetórias individuais e coletivas, de biografias e instituições. Para tanto, acreditamos ser necessário explicar a importância do Pós-abolição enquanto campo de estudos.

Com a desagregação da escravidão enquanto sistema político, econômico e social no Brasil, a partir da formalização da chamada Lei Áurea em 13 de maio de 1888,

[3] Fonte: Relatório do Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul - Joaquim Antão Fernandes leão, 1859. Encontrada em: (http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/rio_grande_do_sul) Acesso em 14/03/2017.

inaugura-se um novo período e com características próprias. Assim, as pesquisas que se inserem dentro do campo de estudos do Pós-abolição devem atentar para as mudanças nas regras do jogo social, principalmente nas mudanças que ocorrerão nas relações entre o Estado e os sujeitos imersos nesse processo. Mas também, torna-se fundamental buscar identificar os diversos significados atribuídos pelos mais variados setores da população nesse novo contexto.

Como afirma o manifesto do GT Emancipações e Pós-abolição da Associação Nacional de História (ANPUH), esse campo de estudos busca "consolidar o Pós-abolição como campo de pesquisa relativamente dissociado dos estudos sobre escravidão, abolicionismo e relações raciais, como afirmam Flávio Gomes e Petrônio Domingues".[4]

A partir da década de 1980, os estudos sobre a escravidão e a liberdade ganharam novos contornos, muito disso influenciado pela emergência da História Social. Nesse sentido, torna-se fundamental os estudos de E. P. Thompson, que buscou perceber a experiência de homens e mulheres e suas relações com a estrutura. Priorizando a agência de pessoas comuns, de *gente* simples, esses estudos procuram perceber como os sujeitos se percebem na sociedade e como estes forjam suas ações e lutas a partir de suas percepções. Dentro desse cenário, novos estudos sobre a escravidão e a liberdade irão surgir no Brasil, no qual o negro, que outrora era apenas um coadjuvante em meio as engrenagens do modo de produção escravista, torna-se o protagonista da história.

Segundo Rios e Mattos (2005), essa mudança na perspectiva de se escrever História também forçou com que houvesse um redirecionamento e uma formulação diferente dos estudos sobre o Pós-abolição:

> Esta mudança de perspectiva implicou uma abordagem das sociedades pós-emancipação mais centrada na experiência dos libertos, no estudo de suas aspirações e de suas atitudes em face do processo emancipacionista e dos novos contextos sociais por ele produzidos. Afinal, o escravo que emergia da nova história social da escravidão era cada vez mais capaz de ação histórica. Tinha adquirido família, vida cultural e comunitária, negociava e muitas vezes atuava no mercado produzindo e vendendo bens e serviços por conta própria. Desta perspectiva, também as atitudes dos libertos passaram a ser analisadas como iniciativas que respondiam a projetos próprios, que necessariamente teriam interferido nos processos de reconfiguração das relações sociais e de poder que se seguiram à abolição do cativeiro (RIOS e MATTOS, 2005, p. 26).

[4] O manifesto de criação do GT Nacional Emancipações e Pós-abolição da ANPUH pode ser consultado em: https://emancipacoeseposabolicao.wordpress.com/manifesto-de-fundacao/. Acesso em: 22/05/2017.

Dentro desse cenário se inserem os estudos sobre associativismo negro nas mais variadas esferas, dentre as quais a imprensa vem ganhando destaque. Porém, é importante destacar que a imprensa negra surge ainda no período da escravidão. Segundo nos informa Pinto (2006), os primeiros jornais da imprensa negra datam do período regencial, numa conjuntura marcada por tensões políticas e diversos conflitos. Dentre eles, se tem registros do periódico *O Homem de Cor*, *Brasileiro Pardo*, *O Cabrito*, *O Crioulinho* e *O Lafuerte*, todos nascidos na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1833. Como bem pontua a autora:

> Esses periódicos anunciaram, agora por intermédio das letras tipográficas, o protesto negro a serviço de seus direitos – nesse caso, aqueles prometidos a todo cidadão. A marcha dos negócios públicos, apesar do avanço liberal, não garantia melhores condições à população negra livre, muito menos à liberta, quiçá, então, à escravizada (PINTO, 2006, p. 26).

Gomes (2005) assinala que no imediato pós-abolição a imprensa negra começou a ganhar espaços em diversas cidades e regiões do país:

> Surgem *O Treze de Maio* (1888), *A Pátria* (1889), *O Exemplo* (1892), *A Redenção* (1899), *O Baluarte* (1903), *O Propugnador* (1907), *O Combate* (1912), *O Patrocínio* (1913) e outros nos anos seguintes, com o objetivo de refletir sobre os desdobramentos do pós-emancipação e a situação dos "homens de cor" (GOMES, 2005, p. 28).

Os objetivos destes primeiros jornais eram os mais variados, porém, de forma geral, em suas páginas apareciam questões voltadas a situação dos negros no país, evidenciando o quadro de marginalização ao qual a comunidade negra fora submetida, porém não apenas isso, pois muitos periódicos exaltavam lideranças abolicionistas (GOMES, 2005).

Analisando especialmente o caso de São Paulo, Domingues (2008) afirma que a imprensa negra surgi no Pós-abolição acompanhando a efervescência da imprensa alternativa, sobretudo de grupos de outras nacionalidades como os portugueses, italianos, espanhóis e franceses. O autor afirma que a grande imprensa, assim como a imprensa alternativa, reproduzia em suas páginas o negro de forma estereotipada e negativa, "sendo chamados de ladrões, assassinos, desordeiros, prostitutas, bêbados, vagabundos" (DOMINGUES, 2008, p. 30).

É importante frisar que o período Pós-abolição foi palco privilegiado para a disseminação das teorias raciais produzidas na Europa do século XVIII e importada e (re)elaborada para as especificidades do Brasil no final do século XIX. Tais teorias serviriam para justificar a exclusão da população negra da participação política do país,

reforçando as hierarquias entre os grupos. Nessa perspectiva, tanto os institutos históricos e geográficos, as faculdades de medicina, advogados, políticos e burocratas agiam de forma a classificar os grupos através de critérios de raça (SCHWARCZ, 1993). Porém, para além de observar os usos da raça pelos setores dominantes da sociedade, é de extrema importância observar como os negros também a acionavam para se constituir enquanto grupo, onde estes também classificavam e se diferenciavam.

Albuquerque (2009), na busca de compreender o estreito vínculo entre o fim da escravidão e as noções de raça, acabou percebendo que, de diversas formas (na maioria dos casos de forma dissimulada) ela estava presente nas ações e decisões políticas de autoridades brasileiras, seja de burocratas até o conselho do estado. Porém, a grande contribuição da autora é ir além da percepção das autoridades e buscar entender como os sujeitos negros acionavam a raça para se afirmar na sociedade, fazendo seus próprios usos e apropriações das noções que vigoravam no contexto.

Pesquisando os Clubes Sociais Negros da diáspora negra ao sul do Atlântico, Silva (2013, p. 3) afirma que:

> [Os clubes e centros negros] não apenas reage(m) a uma racialização imposta, mas articula(m) formas de lidar com a racialização criando e conferindo novos significados a códigos impostos. Observar a racialização pela ótica negra, não perde de vista o contexto maior de racialização, visto que com este, obviamente, dialoga.

Nesse sentido, tanto os clubes negros como também a imprensa negra, acabaram, em muitos casos, se tornando um meio de os sujeitos se afirmarem numa sociedade que buscava inferiorizá-los. Nesses espaços, estes sujeitos buscaram construir outra imagem do grupo, pautado pela valorização da raça e construindo o que Silva (2011) chamou de uma identidade negra positiva.

No que diz respeito aos jornais negros de São Paulo, Domingues (2008) também destaca que estes eram protagonizados por uma "elite" de sujeitos letrados, e que nessa perspectiva, esses periódicos "não expressavam o pensamento do conjunto plural e multifacetado da população negra, mas fundamentalmente o de um setor minoritário" (DOMINGUES, 2008, p. 32).

O mesmo autor assevera a importância da solidariedade étnica para a manutenção desses jornais da imprensa negra paulistana. Havia também outras maneiras de angariar fundos para a manutenção dos jornais, como as rifas, realização de festas, campanhas de assinaturas e leilões beneficentes. Porém, a solidariedade étnica foi fator principal que fez

com que estes jornais circulassem nos espaços urbanos de São Paulo no período Pós-abolição.

Já para o Rio Grande do Sul, também crescem os trabalhos que versam sobre a imprensa negra, como é o caso dos estudos de Muller (1999), Santos (2011) e Oliveira (2017). Estes estudos buscam dar visibilidade à atuação de periódicos, bem como sobre seus principais redatores e diretores. Utilizando exemplares do jornal *O Exemplo*, de Porto Alegre, Muller (1999) percebeu que muitos sujeitos que estavam a frente do jornal, também circularam pela Irmandade Nossa Senhora do Rosário da capital gaúcha, bem como estavam presentes em outras associações negras da cidade. Para a sua pesquisa de doutorado, Santos (2011) também pesquisou em exemplares do jornal *O Exemplo*, mas também nos periódicos *A Alvorada* - Pelotas; *O Astro* – Cachoeira do Sul; *A Liberdade* – Bagé/Porto Alegre; *A Tesoura* — Porto Alegre; *O Succo* – Santa Maria e o Jornal *A Hora* – Rio Grande. A partir da análise destes periódicos que circularam em momentos variados pelo estado do Rio Grande do Sul, o autor buscou perceber como que os redatores e os intelectuais que publicavam nestes jornais deram novos significados a liberdade e alcançaram posições de prestigio dentro de uma sociedade racializada.

Foram diversos os periódicos da imprensa negra sul-rio-grandense que se projetaram enquanto ferramenta de luta de sujeitos que reivindicavam uma melhor situação de vida no Pós-abolição, denunciando as mazelas enfrentadas pelos negros e negras. Exemplo disso foram algumas ações empreendidas pelos intelectuais e redatores do periódico *O Exemplo*, principalmente:

> Campanhas de alfabetização; [oposição] às sociedades cujo fim visava apenas a recreação; chamou a atenção das autoridades públicas para os desmandos que praticamente tolhiam o direito do negro de se reunir; combateu os "patrícios" embranquecidos que negavam apoio aos negros desamparados; e, por fim, transformou-se no único grande registro impresso de uma luta que varou por séculos, chegando a atualidade (MULLER, 2016, p.7).

Esses casos só reforçam a importância se de conferir análise aos registros produzidos pela imprensa negra no Estado, mostrando que para além de simples trabalhadores braçais, sujeitos negros buscaram também através das letras outras formas de inserção numa sociedade demarcada racialmente.

## Imprensa negra em Bagé no Pós-abolição

Na cidade de Bagé, o período Pós-abolição viu o florescimento de uma dezena de entidades negras, como clubes sociais, grupos dramáticos, blocos carnavalescos e

também uma liga de futebol. Nesse contexto, também existiram jornais que eram dirigidos por negros e se dedicavam a publicar questões que diziam respeito a comunidade negra bageense. Nesse sentido, buscaremos observar algumas características destes jornais, atentando para notícias que eram publicadas em suas páginas, bem como alguns de seus principais interlocutores, buscado, também, inserir a imprensa negra de Bagé no contexto estadual e nacional.

Os jornais[5] que ora iremos observar, são, a saber: *O Rio Branco* (1913), *A Liberdade* (1920), *A Defeza* (1920), *O Palmeira* (1922; 1927, 1949, 1952), *O Rouxinol* (1924), *A Revolta* (1925), *O Teimoso* (1928), *O Boato* (1929), *Lampeão* (1934), *Socega Leão* (1937; 1939) e *O 28 de Setembro* (1937, 1938, 1939). A definição dessa imprensa como negra diz respeito às características das notícias que eram vinculadas em suas páginas, no qual buscavam abranger negros e negras da cidade e a valorização de seus espaços de lazer, recreação e projetos políticos do grupo em questão. Nesse sentido torna-se importante a afirmação feita por Pinto (2016, p. 20):

> [...] Uma vez que mesmo hoje muitos jornais negros não iniciam seus editoriais de lançamento com as palavras: "Aqui está um novo representante da imprensa negra", qual o problema de identificar como imprensa negra jornais escritos majoritária ou exclusivamente por negros, dirigidos a um público negro e abordado assuntos de interesse da comunidade negra, sobretudo, denunciando práticas discriminatórias? Seja nos Estados Unidos, em Cuba, na Jamaica, na Colômbia, na Argentina, no Uruguai ou em qualquer outro país da diáspora, os estudiosos tem pensado experiências dessa natureza como imprensa negra não a partir do registro daquela expressão nas páginas dos periódicos, mas com base em suas características (PINTO, 2016, p. 20).

Inicialmente, o que chama atenção é o fato de a maioria dos periódicos buscarem controlar as atitudes de membros da comunidade negra local, sobretudo das mulheres. Esse regramento era observado tanto em atividades sociais, seja em festas de times de futebol do grupo, em bailes de carnaval e em clubes sociais negros da cidade. Mas também, esse controle era observado nas andanças pelas ruas da cidade. Colunas denominadas *Corre o Boato*; *Dizem os filhos da Lauteria que!!!*, *Dizem...*; *Vejam Só; Avanço da Quadrilha Sinistra*, buscavam controlar as atitudes, principalmente das mulheres, que eram os principais alvos dos jornais. Esse tipo de controle para com as mulheres pode ser observado no exemplo abaixo:

[5] Os periódicos *A Defeza*; *O Boato*; *O Lampeão*; *O Rio Branco*; *O Rouxinol* e o *Socega Leão*, foram encontrados a partir de um projeto de digitalização realizado pelo Museu Hipólito José da Costa. Eles podem ser encontrados na página: http://afro.culturadigital.br/imprensa-negra-no-rio-grande-do-sul/.

> Na noite de 25 foi encontrado as 9,30 horas um bloco de morenas de grande algazarra na esquina da praça esporte e rua M. Deororo mais cautella meninas não abuzem com quem passa na rua senão eu vou dizer o nome de vocês snta (sic) querem andar de joelhos vão para a Igreja que o lugar de se ajoelhar snta (*Socega Leão*, 1937, p. 2)

Pesquisando os jornais *O Exemplo*, de Porto Alegre e *A Alvorada*, da cidade de Pelotas, Oliveira (2017) aponta para uma famosa coluna presente no segundo jornal e que se chamava *Pesquei*. Escrita pelo dono do referido jornal, o Sr. Juvenal Penny, ela era assinada com o pseudônimo de *Dr. Pescadinha*, e tinha como principal objetivo controlar o comportamento de negros, mas principalmente das mulheres negras da cidade de Pelotas. Assim como em colunas da imprensa negra bageense, o *Dr. Pescadinha* estava presente em bailes de clubes sociais e também nas ruas, observando atentamente a movimentação das pessoas.

Mesmo que de forma mais tímida, o comportamento de homens também estava na mira de alguns periódicos de Bagé, como é o caso jornal Socega Leão, que em 1937 publicou a seguinte noticia:

> **Um caso triste** – No Nosso Baile Bagé, o Snr. Constantino Monteiro, mais conhecido por Curto, apresentou-se ao dono do baile dizendo ser representante do orgão "Carrasco" para ter força para dançar de graça. Sou eu mesmo. (*Socega Leão*, 1937, p. 3)

Também havia troca de farpas em artigos publicados em diferentes jornais locais, como é o caso envolvendo João Dutra, diretor do jornal *O Boato*, que em editorial do seu jornal, em 1929, publicou um texto em resposta à um artigo escrito no *O Palmeira* e que se dirigia a sua pessoa. Segundo João Dutra, no artigo publicado no jornal *O Palmeira* e assinado por Anaurelino Vaz, também conhecido pela alcunha de "Geada", o mesmo o acusou de frequentar festas se beneficiando do seu jornal. João Dutra afirma que fazia um tempo que não se envolvia com jornais, e que sempre frequentou as sociedades locais sem distinção. O diretor de *O Boato* também aponta algumas situações envolvendo Geada, como por exemplo, se aproveitar de desavenças em festas para beber demasiadamente, bem como de dançar em bailes e não querer pagar. Observa-se que a discussão de ambos ficou em torno da moralidade, da boa conduta e bom comportamento perante a sociedade e perante o grupo de que ambos faziam parte.

Observando jornais da imprensa negra paulistana no Pós-abolição, Domingues (2008) afirma que uma das características dessa imprensa era o combate à vadiagem, aos maus costumes e ao uso de álcool. Segundo o referido autor, nas páginas dessa imprensa,

"o negro deveria ser trabalhador, honesto e cumpridor dos seus deveres, além de zelar pela moral e pelos bons costumes" (DOMINGUES, 2008, p. 41). É importante destacar que essa ideia de moralidade e de regrar comportamentos dos seus, pode ser caracterizada como uma autodefesa do grupo negro, pois era importante para esse grupo se mostrar como organizado e disciplinado e mostrar uma boa conduta não só perante os seus, mas principalmente, para a sociedade branca que a todo momento estigmatizava pessoas negras.

Um episódio noticiado no periódico *Lampeão* (1934), ilustra bem essa ideia da construção de uma postura disciplinada do grupo negro frente à sociedade bageense. O caso aconteceu no momento da coroação da rainha de um rancho carnavalesco. Segundo consta no jornal, no momento da coroação, alguém subiu no palco e deu um beijo na boca da rainha, gerando toda uma revolta nas pessoas que estavam acompanhando a solenidade. Depois desse episódio, o orador oficial do evento, o Sr. Misael Romero, no uso da palavra, disse o seguinte:

> É preciso mais um pouco de respeito perante a sociedade, porque meus senhores, isto aqui não pensem que é um carrapicho fantasiado de Rink Club (sic), aqui se trata de uma coroação de rainha recém eleita, para melhor brilhantismo desta festa [...] **bem sabemos que somos negros, mas, eu considero isto aqui igual ou melhor do que o Club Commercial ou Caixeiral**. (*Lampeão*, 1934, p. 1). (Grifos meus)

A notícia acima deixa evidente, através da fala do orador, a importância dada ao espaço em que ocorria a solenidade de coroação da rainha, espaço que deveria ser pautado pela moral e pelo respeito para o "brilhantismo" da festa. Ao frisar que o clube em questão era igual ou tão melhor que o Club Commercial ou Caixeral - ambas sociedades que eram frequentadas por pessoas de alto poder aquisitivo de Bagé - observa-se toda uma valorização do espaço. A constituição de um espaço pautado pela organização, pelo respeito, pela moral e disciplina, deve ser vista como uma ferramenta de afirmação dos negros, contrapondo-se aos ideais preconceituosos e racistas que recaíam em cima desse grupo.

A divulgação de festas em clubes sociais negros, bailes de carnaval e apresentações teatrais também estavam presentes nos periódicos pesquisados. A partir desses anúncios, podemos perceber a intensa atuação cultural de negros e negras da cidade. Sejam as festas organizadas por times de futebol, ranchos, cordões e blocos carnavalescos, clubes sociais, bem como de entidades dramáticas, a comunidade negra atuou de forma intensa e diversificada em Bagé no Pós-abolição. Como exemplo de

algumas entidades presentes nos jornais pesquisados, ganha destaque o time do *Sport Club Palmeira,* o *Riachuello Football Club*;[6] entidades dramáticas como o *Grêmio Dramático José do Patrocínio* e o *Grêmio Dramático Palmeiras*; bem como a *Sociedade Recreativa Os Zíngaros.* Geralmente, as festas eram anunciadas nos jornais com divulgação das datas e locais e depois o periódico fazia um balanço de como se sucedeu a festa.

Havia também a referência de festas em outras cidades, pois geralmente haviam correspondentes do jornal em municípios vizinhos, como é o caso de cidades como Livramento, São Gabriel, Pelotas, Rio Grande, mas também em Porto Alegre e Cruz Alta. Assim, frequentemente chegavam jornais dessas cidades para os seus "co-irmãos" de Bagé, como é o caso do jornal *O Palmeira,* que no seu impresso de número 24 noticiou ter recebido os periódicos *A Penna*, *A Tesoura*, *O Guarany* e *O Espião*, de Bagé, bem como *A Liberdade*, de Porto Alegre, *O Succo*, de Santa Maria, *A Alvorada*, de Pelotas e *O Incentivo*, da cidade de Uruguaiana (*O Palmeira*, 1922, p. 2). Geralmente, o jornal noticiava o nome do correspondente que trabalhava em outras cidades, publicando também quando havia a troca desse sujeito.

Outra questão de extrema importância e que já vem sendo debatida por pesquisadores da imprensa negra é a preocupação dos intelectuais, redatores e diretores destes jornais com a instrução primária, termo usado no contexto dos jornais para se referir à alfabetização, o aprender a ler e a escrever. Para além disso, instrução pode ser entendida como uma das ferramentas de ascensão social dos negros, "pois tinha também a acepção de aprimoramento técnico necessário para ocupar o mercado de trabalho" (SANTOS, 2011, p. 124). Assim, para muitos redatores e intelectuais da imprensa negra, a partir do momento em que os sujeitos soubessem ler e escrever, teriam maiores chances de obter um emprego estável e de ascender socialmente, vindo a servir de exemplo para o restante do grupo.

A súplica pela instrução dos negros também é encontrada em jornais da imprensa negra de Bagé. No editorial do periódico *A Defeza* (1920), que se intitulava o *Orgam da*

[6] Tanto o *Sport Club Palmeira* como também o *Riachuello Football Club* eram equipes que disputavam a Liga 13 de Maio de futebol. Essa competição reunia times de futebol composto por negros da cidade. Havia, também, disputas amistosas com times da Liga 13 de Maio contra times que disputavam a Liga José do Patrocínio, da cidade de Pelotas. No pós-abolição, cidades como Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande assistiram à criação de ligas de futebol voltadas exclusivamente para o grupo negro. Em Pelotas existiu a Liga José do Patrocínio; Em Porto Alegre a Liga Nacional de Football Porto-alegrense, popularmente conhecida como "Liga da canela preta"; e em Rio Grande existiu a Liga de Futebol Rio Branco. LONER, Beatriz Ana. *Construção de Classe:* operários de Pelotas e Rio Grande. 2. ed. - Pelotas: Ed: UFPel, 2016.

*Raça Ethyopica – Litterario, Noticioso e Recreativo* e era dirigido por Pedro Paulo de Oliveira, há um artigo escrito por João dos Anjos. O tema abordado foi o analfabetismo, pois, segundo João:

> [...] é um assumpto não só de agrado como de interesse, principalmente da nossa raça. Uma das coisas a que nos devemos interessar é a instrucção**, o aprendermos a ler e a escrever; procurarmos conhecer o direito, e que e o porque das coisas da vida. A instrucção é tudo**. (*A Defeza,* 1920, p.1). (Grifos meus)

No anúncio acima, João dos Anjos faz um paralelo entre o saber ler e escrever com o saber sobre o direito, ou seja, sobre questões jurídicas. Creiamos, assim, que esse paralelo diga respeito ao fato de que ao saber ler, escrever e interpretar, pessoas negras tenderiam a saber sobre quais são os seus direitos, podendo assim terem mais subsídios para lutar por uma condição de vida melhor.

Observando a realidade das mulheres negras norte-americanas no pré-guerra civil, Davis (2016) ressalta a importância do acesso à educação da população negra. Para a autora, "as pessoas negras que recebiam instrução acadêmica inevitavelmente associavam o conhecimento à batalha coletiva de seu povo por liberdade" (DAVIS, 2016, p. 112). Mesmo que o estudo da autora seja sobre questões específicas das mulheres negras dos Estados Unidos, percebemos que a questão da educação foi um tema recorrente dos povos da diáspora negra, pois bem sabemos que tanto no período da escravidão, bem como em sociedades Pós-abolição, negros e negras foram privados do acesso à instrução primária, tendo, em muitos casos, que criarem espaços alternativos para a educação dos *seus*.[7]

Foram diversos os sujeitos negros que, após alfabetizarem-se, acabaram fazendo parte de associações e jornais e usando seus conhecimentos para a causa da população negra e operária. Um exemplo conhecido no estado do Rio Grande do Sul diz respeito aos irmãos Xavier. Tanto Antônio Baobad, como Rodolpho Xavier, foram alunos das aulas noturnas da Biblioteca Pública de Pelotas, ainda no século XIX. O primeiro, tendo nascido escravizado, acabou por comprar a própria liberdade no ano de 1881. Posteriormente, fez parte de diversas associações, militando tanto nas frentes que envolviam a raça e a classe operária. Seu irmão, Rodolpho Xavier, nasceu livre no ano de 1884, e assim como seu irmão, foi líder operário e pertenceu ao quadro de diversas

[7] A frente Negra Brasileira, movimento que surgiu em 1933 e durou até o ano de 1937, tinha como um de seus principais objetivos a alfabetização de pessoas negras. Segundo o historiador Flávio dos Santos Gomes, a FNB "chegou a propor a criação de uma instituição escolar chamada Liceu Palmares. A ideia era ministrar o ensino dos cursos primário, secundário, comercial e ginasial a alunos sócios da FNB. " GOMES, Flávio dos Santos. **Negros e política** (1888 – 1937). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 50.

associações da cidade de Pelotas. Xavier exercia a profissão de pedreiro e foi um dos mais importantes colaboradores do jornal da imprensa negra *A Alvorada*, que circulou, com algumas interrupções, de 1907 a 1965 na cidade de Pelotas. Além de escrever textos sobre diversos temas nesse periódico, Rodolpho Xavier também escreveu crônicas para o jornal *A Liberdade* (1920), periódico da imprensa negra bageense.

A importância da instrução também é ressaltada no editorial do jornal *A Revolta* (1925), que circulou na cidade de Bagé. Para os diretores desse periódico, a luta deveria ser em torno do:

> Amor ao trabalho, **guerra tenaz e desenfreada ao analfabetismo** e ao vicio, união laboriosa e fecunda dos nossos ideaes para a elevação de nossa raça, **instituindo escolas primárias**, fundando sociedades, verdadeiros centros de civismo, de labor, amparo e desenvolvimento physicos e intelectuais [...] (*A Revolta*, 1925, p. 1). (Grifos meus)

Segundo o editorial acima, a instrução primária, juntamente com a criação de sociedades, daria aos negros e negras a oportunidade de juntos alcançarem a "elevação da raça". Percebe-se, mais uma vez, a importância conferida à alfabetização, pois essa parecia ser uma das questões mais elencadas pela imprensa negra em diversos estados do Brasil no Pós-abolição. A importância conferida à instrução é bem pontuada por Santos (2011, p. 124):

> Aos negros, a instrução significava a possibilidade de superar as condições de trabalhador braçal que remetia à escravidão, também se abria a perspectiva de ocupar uma posição social como "homem letrado", que era um lugar social representado na imprensa negra como intangível ao preconceito. A instrução mostrava-se como um passaporte para a mobilidade social e para o conhecimento dos direitos civis, descrita muitas vezes como uma das estratégias políticas disponíveis aos negros.

Recorrente nas páginas da imprensa negra, o tema sobre a abolição da escravidão ganhava destaque, principalmente quando da passagem da data. Em Bagé, encontramos referências a "data áurea" em dois periódicos, sendo *O Rio Branco* (1913) e *A Revolta* (1925). No primeiro, a notícia faz alusão de que a data de 13 de maio passou desapercebida em Bagé. Na notícia, o nome da Princesa Isabel não foi citado, havendo referência à figura de José do Patrocínio como um dos responsáveis pelo 13 de maio de 1888.

Bem diferente da notícia vinculada no *O Rio Branco* é o editorial do jornal *A Revolta*, que ao escrever sobre o 13 de maio faz referência a Princesa Isabel como "A

Redentora". Gomes (2005) encontrou também essas características em jornais da imprensa negra em outras regiões do Brasil, e como bem pontua:

> Paradoxalmente, a referência à ignominia da escravidão surgia mesclada às homenagens prestadas aos abolicionistas e à Princesa Isabel, a "Redentora". Esses periódicos não eram apenas denúncias. Numa perspectiva quase pedagógica, traziam matérias exaltando abolicionistas (GOMES, 2005, p. 29).

Ao acompanhar alguns nomes de redatores e diretores dos jornais da imprensa negra de Bagé, acabamos por encontrar um transito de sujeitos, que além de circularem em diversos jornais, também fizeram parte de associações locais.

No ano de 1922, o diretor do jornal *O Palmeira* era Delfino Menezes e o redator era Pedro Pimentel. Com relação ao primeiro, encontramos seu nome na notícia de fundação do time *Sport Clube Palmeira*, time de futebol fundado em 14 de abril de 1913 e que disputava a Liga 13 de Maio. No ano de 1920, Delfino aparece na direção do Club Carnavalesco Ideal. Fez parte também da equipe de amadores do *Grêmio Dramático José do Patrocínio*, em 1937 (*O 28 de Setembro*, 1937, p. 2). Também no ano de 1937, Delfino Menezes, juntamente com José M. Pereira; Oracildo Cunha; Manoel C. Bittencourt; Juvenal da Cunha Moura; Ivo Garcia; João A. Correa; Onofre M. de Lima e José M. de Lima, fundaram o jornal *O 28 de Setembro*. Não encontramos nenhuma referência do porquê do nome do periódico, porém cogitamos que possa ter sido pensado em alusão a Lei de 28 de setembro de 1871, ou como é popularmente conhecida, a Lei do Ventre Livre.

Na busca de alguns indícios sobre Delfino Menezes, acabamos encontrando o inventário de seu falecimento, datado do ano de 1962. Delfino Menezes era filho de Guilhermina Menezes e nasceu em Bagé no ano de 1887. Morava na rua Almirante Gonçalves, localizado no bairro centro e perto da Catedral da Matriz de São Sebastião, local que segundo alguns historiadores locais, teria começado a cidade de Bagé. No ano de sua morte Delfino tinha 75 anos e no seu inventário consta que não possuía filhos. Assim, ele acabou deixando como seus herdeiros dois amigos que "lhe tem prestado serviços inestimáveis". Esses amigos são Manoel Cesário Bittencourt e Domingos Barbosa, que acabaram herdando o pouco que o falecido possuía, sendo "uma morada de casa e o respectivo terreno, situado nesta cidade, à rua Almirante Gonçalves".[8]

[8] Inventário de falecimento de Delfino Menezes. 1962. **Inventários e Testamentos** – Arquivo Público Municipal Tarcísio Taborda. Bagé-RS.

Observa-se que Delfino Menezes era um sujeito ativo no seio de práticas associativas negras em Bagé. Possuiu envolvimento com o time de futebol, com o jornal, entidades carnavalescas e grêmios dramáticos. Um de seus herdeiros – Manoel Cesário Bittencourt – aparece como um dos fundadores do jornal *O 28 de Setembro*, no ano de 1937, ao lado de seu amigo Delfino Menezes e outros nove sujeitos. Segundo consta no referido jornal, Manoel Cesário Bittencourt era "2º Cabo do glorioso exército nacional, e um dos baloartes da sociedade bagêense tendo sempre em si a falangiarios impoluto, de boa marcha para os desenvolvimentos sociaes" (*O 28 de Setembro*, 1938, p. 3).

Outro nome que acabou se destacando por ter circulado em mais de um jornal foi João Dutra. No ano de 1924, ele aparece como diretor e proprietário do jornal *O Rouxinol*. No ano seguinte, ele era redator e secretário do periódico *A Revolta*. Já no ano de 1929, João Dutra era o redator e secretário do jornal *O Boato.* Além de circular em vários jornais, esse sujeito também era secretário do time de futebol *Sport Club União*, equipe que também disputava a Liga 13 de Maio. Pintor por profissão, João Dutra utilizava as páginas de seus jornais para anunciar seus serviços para a comunidade bageense.

Nomes como o de José M. de Lima e Alcides Almeida também aparecem circulando em diversas entidades locais. O primeiro, além de ser um dos fundadores do *O 28 de Setembro*, também aparece atuando no *Grêmio Dramático José do Patrocínio* no ano de 1937. Além disso, fez parte da direção do Bloco Os Zíngaros no ano de 1942, quando exercia a profissão de 1º secretário (*Correio do Sul*, 1942). Além de atuar nessas entidades, José M. de Lima atuou pelo time do Vencedor Football Club e foi diretor do Jazz Harmonia, importante orquestra que aparece frequentemente nas páginas da imprensa animando bailes. Com relação ao segundo nome, tivemos acesso à algumas informações a seu respeito através de sua certidão de óbito.

Filho de Setembrina Almeida, Alcides Almeida nasceu em Bagé no ano de 1900. Foi casado com Sara Medeiros Almeida, no qual teve cinco filhos. De cor preta, Alcides era tipógrafo, fazendo parte da direção do jornal *O Palmeira* em 1927 e na redação do jornal *Lampeão* no ano de 1934. Seu nome aparece, também, como mordomo da Sociedade Beneficente dos Alfaiatas, isso no ano de 1908 (LEMIESZEK, 2000, p. 88). Apesar de ele ter nascido em 1900, acreditamos que possa ser o mesmo sujeito, pois sabe-se que o trabalho desde criança era algo costumeiro naquele contexto. Mesmo assim, existe a possibilidade de esse ser outro sujeito.

Essa circulação de sujeitos negros em diversas frentes, seja na redação e/ou direção de jornais, como também em times de futebol, entidades dramáticas entre outras,

acaba por evidenciar o quanto estes sujeitos estavam engajados em práticas associativas, fortalecendo uma rede de ações e práticas culturais na cidade de Bagé. Isso também acaba por corroborar o que pesquisadores vem descobrindo para outros municípios do estado gaúcho, como é o caso de Muller (1999) e Rosa (2014) para Porto Alegre, Silva (2011) e Oliveira (2017) para Pelotas e Oliveira (2016) para Santa Maria. Sujeitos negros fortaleceram diversas redes para melhor se posicionar e se afirmar na sociedade gaúcha. Evidente que aos irmos para as fontes primárias, sobretudo para os jornais da imprensa negra de outros municípios, podemos ampliar essa rede, encontrando novas agências negras e suas articulações.

**Apontamentos finais**

Ao realizar uma breve descrição dos jornais da imprensa negra em Bagé no Pós-abolição, creio que uma etapa importante foi dada: tirar sujeitos negros e seus escritos nestes jornais da invisibilidade ao qual foram submetidos pela historiografia local. O silenciamento da história de negros em Bagé foi bem apontada pelo escritor negro bageense Gilberto Alves Soares. Ao falar da cidade ao qual nasceu e forjou sua infância, Soares afirma que:

> [...] quase nada mais há sobre a história do negro bageense. Escassos registros históricos a levar-me a uma enlouquecida teoria da conspiração repleta de dúvidas: se não havia negros na formação da emblemática Bagé, cidade emblemática e icônica na formação da excelência gaúcha, seria o Rio Grande uma terra exclusiva de impetuosos estancieiros e morenas de tez de cobre retratados no filme O Tempo e o Vento? A verdade é que se anda pela cidade, olha-se para os prédios e lê-se nos nomes de ruas e lugares, e tudo o que se vê plasma-se em uma inexorável supremacia branca. Portuguesa, colonialista, estancieira (SOARES, 2015, p. 34).

Através do panorama exposto sobre a imprensa negra bageense no Pós-abolição, creiamos que um passo importante foi dado, mesmo que de forma tímida.

A análise dos periódicos pesquisados acabaram fornecendo alguns elementos no qual podemos caracterizar a imprensa negra de Bagé, como por exemplo: a busca de um controle sistemático para com as mulheres, seja em festas realizadas pelo grupo, como também no ambiente da rua. Os homens também estavam na mira dos *espiões*, porém de forma bem mais amena do que suas irmãs. Também aparece na grande maioria dos periódicos pesquisados a intensa divulgação de festas em entidades locais. Bailes, saraus, quermesses, festas carnavalescas dentre outras estão sempre presentes nas páginas dessa imprensa. Ao mesmo tempo, notícias vinculadas a outros municípios aparecem com

frequência, visto que os periódicos possuíam correspondentes em outras cidades do estado gaúcho, ampliando ainda mais a rede de contatos entre os "co-irmãos". Assim como foi encontrado na imprensa negra de Porto Alegre e de outros estados do Brasil, a busca pela alfabetização e instrução primária estava também presente nas páginas da imprensa begeense, mostrando todas as dificuldades e especificidades do Pós-abolição, período que trouxe novos desafios à população negra. Também, acabamos observando a circulação de sujeitos em mais de uma frente, seja nos jornais, em times de futebol, entidades dramáticas, carnavalescas e clubes sociais.

As características citadas anteriormente, juntamente com o cruzamento de dados publicados em outros jornais negros do estado, ajudam a perceber a ampliação do raio de atuação dos sujeitos pertencentes a imprensa negra gaúcha. Nesse sentido, é de extrema importância observar a atuação da imprensa negra em regiões interioranas como é o caso da cidade fronteiriça de Bagé.

**Fontes primárias:**

Jornal *A Liberdade*, Bagé – 1920 (Museu Hipólito José da Costa), acervo digital.
Jornal *O Rio Branco*, Bagé – 1913 (Museu Hipólito José da Costa), acervo digital.
Jornal *Socega Leão*, Bagé – 1937 e 1939 (Museu Hipólito José da Costa), acervo digital.
Jornal *O Boato*, Bagé – 1929 (Museu Hipólito José da Costa), acervo digital.
Jornal *A Defeza*, Bagé – 1920 (Museu Hipólito José da Costa), acervo digital.
Jornal *O Rouxinol*, Bagé – 1924 (Museu Hipólito José da Costa), acervo digital.
Jornal *Lampeão*, Bagé – 1934 (Museu Hipólito José da Costa), acervo digital.
Jornal *Correio do Sul*, Bagé – 1942 (Arquivo Público Municipal Tarcísio Taborda, Bagé)
Jornal *O Palmeira*, Bagé – 1922; 1927; 1949; e 1952 (Museu Dom Diogo de Souza).
Jornal *O 28 de Setembro*, Bagé - 1937 e 1938 (Museu Dom Diogo de Souza).
Jornal *A Revolta,* Bagé - 1925 (Museu Dom Diogo de Souza).
Jornal *O Teimoso,* Bagé - 1928 (Museu Dom Diogo de Souza).

**Referências**

ALBUQUERQUE, W.R. *O jogo da dissimulação:* Abolição e cidadania negra no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe.* 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

DOMINGUES, Petrônio. *A nova abolição.* São Paulo: Selo Negro, 2008.

FAGUNDES, Elisabeth Macedo de. *Bagé**:** no caminho da história do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Martins Livreiro, 1995.

GOMES, Flávio dos Santos. *Negros e política (1888 – 1937).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

GUTFREIND, Ieda. O negro no Rio Grande do Sul: o vazio historiográfico. *Estudos Ibero-americanos*. PUC. Vol. XVI, n. 1 e 2, 1990.

LEMIESZEK, Cláudio. *Bagé: novos relatos de sua história.* Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.

_____. GARCIA, Elida Hernandes. *Guia incompleto das primazias de Bagé.* Bagé: Ediurcamp, 2013.

LONER, Beatriz Ana. *Construção de Classe: operários de Pelotas e Rio Grande.* 2. ed. - Pelotas: Ed: UFPel, 2016.

MATHEUS, Marcelo Santos. *A produção da diferença: escravidão e desigualdade social ao sul do império brasileiro (Bagé, c. 1820 – 1870).* Tese (Doutorado em História), Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

MULLER, Liane Susan. *As contas do meu rosário são balas de artilharia*. Porto Alegre: Pragmatha, 2013.

_____. O Exemplo: jornal cujas raízes estão perpetuadas na Irmandade do Rosário de Porto Alegre. In: *CICLO DE DEBATES SOBRE O JORNAL "O EXEMPLO":* TEMAS, PROBLEMAS E PERSPECTIVAS. Porto Alegre, 2016, p. 3 - 6 [recurso eletrônico].

OLIVEIRA, Ângela Pereira. *A racialização nas entrelinhas da imprensa negra: o caso O Exemplo e A Alvorada – 1920-1935*. Dissertação (Mestrado em História), Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2017.OLIVEIRA, Vinicius Pereira de. *Escravos em Bagé: fugas, quilombos e insurreições.* Mostra de pesquisa do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. In: *Produzindo a história a partir de fontes primárias*. 2010, Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (Anais eletrônicos).

OLIVEN, Ruben. A invisibilidade Social e Simbólica do Negro no Rio Grande do Sul. In: LEITE, Ilka Boaventura (org.). *Negros no sul do Brasil*: *invisibilidade e territorialidade.* Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 1996.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833 – 1899).* Dissertação. (Mestrado em História), Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

_____. Revisitando O Exemplo: a imprensa negra e os vários sentidos da liberdade. In: *CICLO DE DEBATES SOBRE O JORNAL "O EXEMPLO":* TEMAS, PROBLEMAS E PERSPECTIVAS. Porto Alegre, 2016, p. 19 - 24 [recurso eletrônico]

RIOS, Ana L. MATTOS, Hebe Maria. *Memórias do Cativeiro: família, trabalho e cidadania no pós-abolição.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. *Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre durante o pós-abolição (1884-1918).* Tese (Doutorado em História), Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2014.

SANTOS, José Antônio dos. *Prisioneiros da história: trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional.* Tese (Doutorado em História), Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Fernanda Oliveira da. *Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento destes espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820 – 1943).* Dissertação (Mestrado em História), Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

_____. *Perspectivas sobre a racialização:* a experiência dos clubes sociais e centros culturais na diáspora negra ao sul do Atlântico (Brasil-Uruguai). In: *XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – CONHECIMENTO HISTÓRICO E DIÁLOGO SOCIAL*, Natal, 2013, p. 1-15 (Anais eletrônicos).

SOARES, Gilberto Alves. *Se não me falha a memória*. Lajeado: Obra do autor, 2015.

TABORDA, Tarcísio Antônio da Costa. *A Abolição da escravatura em Bagé: O 28 de Setembro.* Bagé: Museu Dom Diogo de Souza, 1984.

_____. *Bagé de ontem e de hoje: coletânea de artigos publicados na imprensa (1939 – 1994).* Bagé: Ediurcamp, 2015.